

Corpo-fragmento: Hudinilson Jr. e a abjeção

Patrícia Paixão Martins¹

DOI 10.20396/eha.vi14.3430

Introdução

A arte dita abjeta se propõe a dar conta, em linhas gerais, do que é excluído, reprimido, transgressor, obscuro. Suas discussões se encontram na subjetividade e podem se apresentar de diversas formas, causando diferentes desconfortos ou identificações pelo trauma.

O Livro “O Retorno do Real”, escrito pelo crítico inglês Hal Foster em 1996, discute as vanguardas a partir dos anos 60 e como as representações do real foram voltando ao universo das artes depois do seu período de negação, muito bem representados pelos expressionistas, por exemplo. Esse real, seguindo o autor, retorna como traumático, inicialmente cheio de camadas, as imagens anteparo, que servem como mediadoras para esse mundo agora imagético. As discussões de abjeção aparecem justamente como o rompimento desse anteparo, se voltando a questões ligadas ao subconsciente, não como eram tratadas no surrealismo, mas com uma visceralidade niilista, como “puro afeto, nenhum afeto: It hurts, I can't feel anything (dói, não sinto nada)”².

Assim como todos os movimentos dos anos 60 para cá, a arte abjeta é de difícil classificação, podendo se apresentar em diferentes formatos e abarcar um enorme número de questões. Para tentar entender de forma geral duas grandes tendências desse universo, Foster faz uma divisão entre artistas que buscavam transgredir com as leis paternas, sendo essa uma representação das leis, ordem, sociedade, política, religião, etc, e artistas que exploram o corpo materno, uma representação de um corpo físico violado, sua fragmentação, vísceras, estados mentais. O autor chega a fazer uma divisão por gênero, não absoluta, explicada pelos contextos sociais da época - segunda revolução feminista - e heranças do neodadá. Também, uma breve discussão sobre o que viria a ser uma das fortes características da arte queer, a exploração através de trabalhos da repressão do erotismo anal, esta ligada a uma crítica à formação de uma sociedade normativa e excludente.

Hudinilson Jr. aparece dentro desse contexto de uma arte queer, através da exploração do

¹ Mestranda no PPGAV/UFBA, bolsista CAPES.

² FOSTER, 2005, pg. 185

universo e do corpo masculino erotizado, principalmente em seus primeiros trabalhos. Mas, para além disso, seus trabalhos com a xerox mostram uma obsessão pela fragmentação do seu corpo, da sua desintegração completa para se transformar apenas em texturas.

Dessa forma, seus trabalhos parecem ter começado nas transgressões políticas e sociais - inclusive, nas suas ações dentro do grupo 3NÓS3 - e passados para uma discussão mais subjetiva do corpo e sua transmutação / desintegração através de suas composições na máquina de xerox, fazendo um trânsito de vai e vem entre esses dois universos durante toda a sua produção.

Arte queer e as leis paternas

As leis paternas dentro do contexto de arte abjeta trazida por Hal Foster, representa as imposições sociais, leis de organização e comportamento, sendo esses elementos que trazem de forma quase simbiótica a transgressão - esta não pode existir sem as ordens, a ordem não pode existir sem o caos. A figura paterna representa o primeiro 'Outro' que lidamos nas nossas vidas, um alguém que nos espelhamos procurando principalmente as diferenças, uma necessidade absoluta de confirmar a alteridade pessoal, isto sendo feito justamente através dessas transgressões.

Artistas que assumem essa postura de embate se assemelham as figuras do neodadá: alter-egos com uma obscenidade e ironia quase infantis. Temos artistas que literalmente se voltam ao universo infantil deslocado, como no caso das instalações de bichos de pelúcia do artista Mike Kelley, ou artistas que ironizam figuras políticas e de poder através da criação de situações escatológicas, como no caso do artista Paul McCarthy.

Uma terceira tendência surge nesse contexto, manifestando-se “numa ostentação geral de merda”³, que se volta contra a repressão social ao anal, sendo isso a representação de uma construção normativa da sociedade e uma abjeção ao erotismo anal, que nos remete à homossexualidade. Como alerta o autor, essa afirmação não reduz à homossexualidade masculina ao erotismo anal, mas aponta para as primeiras discussões trazidas pela arte queer. Fora que, as primeiras discussões sobre sexualidade e estudos de gênero ainda eram muito ligadas a figura do homem homossexual 'afeminado', tendo as mulheres lésbicas, por exemplo, ainda invisibilizadas - isso sem nem contarmos as complexas discussões que se apresentaram no século XXI.

Os primeiros trabalhos de Hudinilson Jr., realizados em xilografia, já nos apresentam esse

3 FOSTER, 2005, pg. 152

universo erótico masculino que toma conta da maioria dos seus trabalhos. As figuras eram de corpos nus sem rosto, deixando claro desde sempre o seu interesse essencialmente pelo corpo - seus formatos, texturas, poses -, assim como também eram seus cadernos de referência, compostos de colagens em sua maioria feitas com imagens de revistas pornô, sendo esse universo também focado no corpo, onde o importante são suas ações, sua plasticidade e formas, não necessariamente sua identidade.

Nesse universo segue seus trabalhos com colagem, stencil, arte postal, e seus primeiros experimentos com a xerografia - onde o artista ainda não usava seu corpo como matriz -, a exemplo de "Yes! Nós temos cu!" (figura 1). Esse trabalho nos mostra claramente como transgressor dessas leis paternas, se posicionando ironicamente à sociedade e situação política brasileira, trazendo o anal como uma espécie de bandeira empoderadora da homossexualidade masculina.

Em 1979, surge o 3NÓS3, grupo que realizava pequenas ações na cidade de São Paulo que questionavam a situação da cidade, mas também o mercado de arte como instituição. Entre suas ações mais conhecidas, está "Ensacamentos" (figura 2), que consistia na cobertura das cabeças de estátuas da cidade com saco plástico, que o grupo disse se tratar do descaso com as esculturas da cidade, porém, sua visualidade tinha uma alusão direta ao momento político do país de ditadura militar, onde vários civis eram tratados da mesma forma e muitas vezes não eram mais encontrados, tendo seus destinos se tornado desconhecidos. A ação foi noticiada como uma espécie de protesto contra a situação de saneamento básico da cidade.

Dentre as ações do grupo, Hudinilson Jr. sem dúvidas encontrava-se voltado para as questões de transgressão do sistema, trabalhando em grupo e abrindo mão do seu corpo individual, de certa maneira. Mas, suas pesquisas pessoais do seu próprio corpo e da sua figura enquanto Narciso caminhavam em paralelo.

Arte xerox e o corpo materno

A sua pesquisa na xerografia resultou nos seus trabalhos mais expressivos, não só pela sua plasticidade, mas também por tencionar conceitos como o que seria uma gravura e o que seria uma fotografia, por exemplo. Aqui o corpo se materializa em absoluto na sua pesquisa, se transformando na matriz de seus trabalhos.

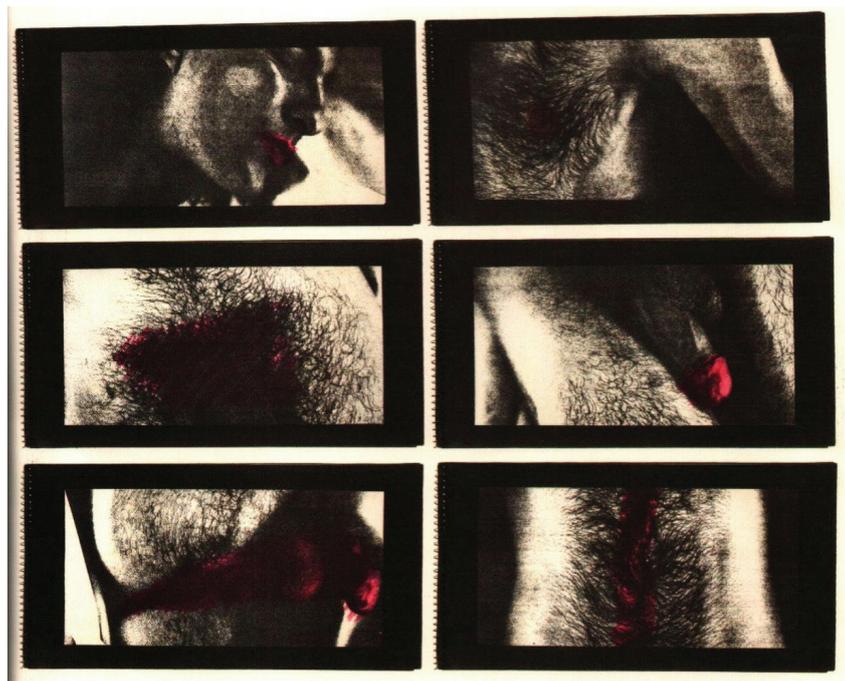
Hudinilson passou a xerocar seu próprio corpo, deitando-se sobre o visor da máquina de xerox, iniciando uma investigação sobre o próprio corpo e suas infinitas visualidades diante da



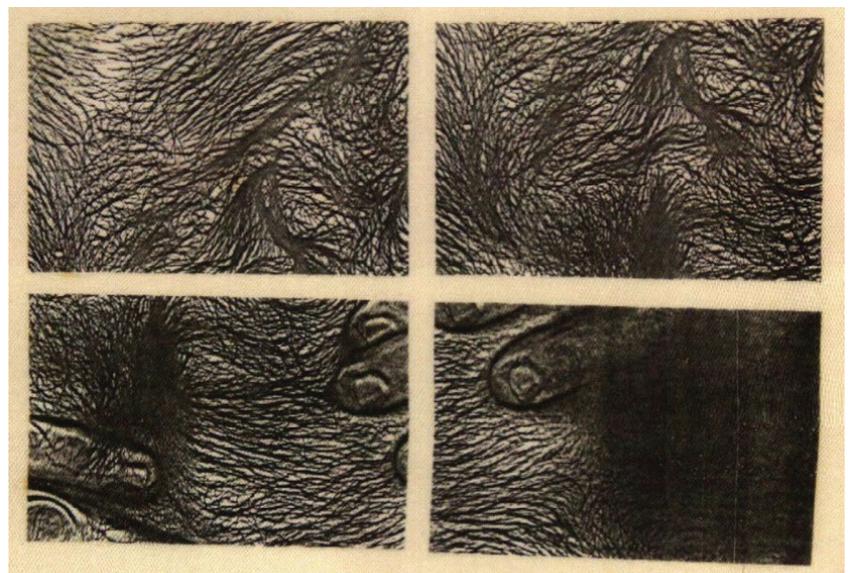
[Figura 01] Hudinilson Jr., “Yes! Nós temos cu”, 1978.
Xerografia sobre papel, 20x168cm



[Figura 02] 3NÓS3, da ação
“Ensacamentos”, 1979.
Registro de ação urbana



[Figura 03] Hudinilson Jr., parte de s/título, 1980.
Xerografia e tinta fluorescente sobre papel, 17 x 34 cm cada



[Figura 04]
Hudinilson Jr., parte de “Exercício
de me ver IV”, 1981.
Xerografia sobre papel, 32 x 24,2 cm

planificação da máquina. Em suas primeiras experimentações o universo erótico ainda é muito presente, tendo o artista apresentando-se na figura de um Narciso, produzindo imagens nítidas dos seus órgãos genitais, posições com as mãos e com o corpo sugestivas e imagens nítidas do próprio rosto, sendo ele mesmo uma representação desse homem sexualizado, passando para uma investigação do próprio corpo agora 'dilacerado'. Essa variada série levou o nome de "Exercícios de me Ver" e se estendeu por pelo menos três anos, numa exploração / documentação obsessiva desses modos de se ver.

Essa nova abordagem visual nos permite aproximar esses trabalhos do contexto de corpo materno, quando o seu interesse passa a ser a própria deformação advinda do processo, como podemos observar em um trecho das suas próprias anotações pessoais:

[...] utilizar o corpo como matriz, a partir da criação de uma relação especial de trabalhar no contato físico entre a ideia e o processo mecânico; debruçando-me e deitando-me por inteiro sobre o visor da XEROX, compondo assim formas/texturas. o XEROX recria o CORPO de maneira própria, destruindo detalhes e valorizando outros, resultando imagens que se aproximam da abstração, num exercício de leitura/visão.⁴

Assim como as leis paternas, o corpo materno se apresenta também como uma metáfora, dessa vez para um corpo dilacerado, com suas vísceras, sangue, deformações a mostra. Segundo Foster, o corpo materno representa o lugar privilegiado da arte abjeta, representando essa capacidade de destruição e restauração do corpo, como também o lugar de uma dolorosa ruptura, uma partilha de corpos - um virando dois.

Ao contrário das subversões irônicas às leis paternas para construção da identidade pela diferença, a investigação desse corpo materno representa essa difícil separação entre o Eu e o Outro, a construção desse corpo individual composto de matéria orgânica. Temos, por exemplo, todo o universo da artista Kiki Smith, que desenvolve trabalhos onde se encontra esse corpo pelo avesso, como na gravura "Sueño", de 1992 ou a representação literal do útero oco na peça "Womb", de 1986.

Compondo texturas, destruindo detalhes, valorizando outros

Gradualmente, Hudinilson passa do Narciso erótico para o Narciso estilizado (figura 3 e 4) - depois, retorna novamente ao primeiro incorporando esse corpo estranho - como se o seu espelho

4 HUDINILSON in REZENDE, 2016, pg 230



[Figura 05] Hudinilson Jr., parte da série “Fragmentação”, 1980.

Xerografia sobre papel, 16,5 x 11 cm

estivesse se partido e todo o seu corpo estivesse em pedaços que se apresentam como texturas e peças que não se encaixam muito bem. O corpo que era nitidamente presente visualmente se transforma numa fluidez de texturas, nesse exercício de ser ver também pelo avesso.

A planificação do corpo e a exaltação dessa abstração começa a ser vista na série “Fragmentação” (figura 5), onde ainda temos o corpo nítido mas já apresentando deformações; o corpo se aproxima mais e mais desse visor de vidro, fazendo com que as referências visuais sejam cada vez mais perdidas e confusas.

O duplo do corpo do artista apresentado dessa forma, evoca um Outro que se apresenta como um “estranho-familiar”, cópia - literalmente - de seu corpo mas que se apresenta no universo da estranheza. A repetição compulsiva dessa gravação usando o corpo como matriz nos evoca a repetição traumática discutida em Foster na obra de Andy Warhol:

[...] o sujeito em choque seria um oxímoro, pois não há um sujeito presente para si mesmo no choque, quanto mais no trauma. [...] Essas noções de subjetividade em choque e repetição compulsiva reposicionam o papel da repetição na persona warholiana e nas imagens⁵

Não nos interessa aqui comparar o trabalho desses dois artistas a não ser de como os dois se apresentam como sujeitos traumáticos no contexto da repetição, com temas que fazem parte ou se aproximam da arte abjeta: sexualidade, corpo, fluidos, acidentes, erotismo.

O interesse de Hudinilson essencialmente pelo corpo e por toda a sua potencialidade, acaba abarcando uma gama de temas adjacentes, como os citados acima. Esse recorte, do corpo-fragmento, nos suscita ao corpo estranho e virado pelo avesso, numa tentativa de investigar o dentro, nos levando diretamente ao universo da abjeção.

5 FOSTER, 2017, pg. 165

O 'estranho-familiar' traz a vertigem que se instala numa convulsão e ao mesmo tempo num entorpecimento de indiferenciação, onde tudo que atua no lado obscuro é reconhecido ou nomeado como estranho. [...] A incorporação do estranho como uma coexistência de opostos revela-se assim, como mais uma faceta da própria linguagem do corpo.⁶

Considerações finais

A exploração do corpo dentro das artes visuais apresenta em si um vasto campo de discussão, onde o mesmo pode ser apresentado como instrumento de luta, lugar da própria obra artística, representação, mimese, meio, captura, referência, enfim. A sua inserção dentro da arte abjeta se dá então tanto pela via da ironia e do universo queer como nas rupturas e universo escatológico, dentro o corpo sempre como raiz de seu imaginário.

Apesar do foco dessa discussão ter sido o corpo-fragmento, toda a obra de Hudinilson Jr. aponta para uma investigação profunda do corpo dentro do aspecto de uma abjeção, sendo a própria sexualidade ainda hoje tida como estranha e tabu dentro dos constructos sociais. Trazer esse artista como um sujeito traumático dentro da repetição compulsiva e interessado nas visualidades do corpo não o coloca em oposição a seu reconhecimento através da arte queer; muito pelo contrário, complementa-o.

Sua investigação obsessiva pelo corpo e pela sua autoimagem, seu Narciso erotizado mas inserido na estranheza, seus processos de planificação da visualidade de corpo através da máquina de xerox, remete, talvez, a uma tentativa de transformar esse corpo no “[...] que preciso livrar-me para tornar-me um eu [...]”, na busca eterna pelo seu mais puro reflexo.

6 FIGUEIREDO, 2007, pg. 86

Referências bibliográficas

FIGUEIREDO, Lucy. *Imagens polifônicas: corpo e fotografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007

FOSTER, Hal. *O Retorno do Real*. São Paulo: Editora Ubu, 2017

RESENDE, Ricardo. *Posição Amorosa: Hudinilson Jr*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016

PIZARRO, Marcio. *Tensões, Modelos, Eixos, Figuras, Ações: Da Figurabilidade do Corpo Psíquico aos Atos Físicos do Corpo Emocional na Obra de Arte Contemporânea*. . Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/textos/57_marcio_pizarro.pdf>. Acesso em: 21/08/18

PRANDO, Alisson. *A Arte e as Questões Sociais: quem tem medo de queer art?*. Em *Whatelse Magazine*, 2017. Disponível em: <<http://whatelsemag.com/questoes-sociais-queer-art/>>. Acesso em 22/08/18